

EDITORIAL

Balanço actual do ensino do Português na China: Os fundamentos da revista *Orientes do Português*

*Carlos Ascenso ANDRÉ**

1. Balanço do Português na China

Não foi assim há tanto tempo: pouco mais de sessenta anos. Mas pode já dizer-se que longe vão os dias em que o Português na China se confinava a uma instituição e à boa vontade de professores de formação vária, chegados do Brasil, no quadro da cooperação internacional entre partidos irmãos¹. Sem meios, porventura sem formação qualificada, sem outro rumo que não fosse ensinar os rudimentos da língua e pôr as pessoas a conversar. Mas assim foi. E funcionou. E com êxito, a julgar pelos que frequentaram essas aulas e ainda hoje dão provas da sua capacidade e do seu amor pela língua portuguesa e são, por isso mesmo, exemplos admirados por todos quantos ao Português se dedicam em terras do Oriente. Foram eles os cabouqueiros de quanto temos hoje. Esquecê-lo e esquecê-los seria uma injustiça e um tremendo ultraje à memória de todo um longo percurso.

Quando olhamos para essa realidade da década de sessenta do século passado, descrita por quem a conhe-

ceu, o Professor Li Changsen (James Li), não podemos disfarçar um sorriso, que é, ao mesmo tempo, de simpatia e de surpresa e satisfação. De simpatia pelas condições manifestamente mínimas em que o ensino se processava, de surpresa e satisfação pelo caminho percorrido e pelos resultados alcançados.

Essa história está feita, com as palavras certas e com a emoção de quem a viveu na primeira pessoa. Estávamos, como digo, nos anos sessenta do século passado. A China tinha necessidade de comunicar com os povos de língua portuguesa, em especial por motivos de ordem estratégica, de natureza política e ideológica; para tanto, precisava de formar quadros que falassem essa língua e de o fazer com celeridade. Apelou, por isso, a China à solidariedade entre partidos; e essa solidariedade funcionou. Vieram do Brasil os primeiros professores, que formaram os primeiros quadros chineses bilingues. Mal podiam antever todos os actores desses tempos iniciais as proporções que iria ter o processo que estavam, então, a encetar.

* Director Executivo da Revista *Orientes do Português*

¹ Sobre a importância das relações bilaterais entre partidos – o Partido Comunista Chinês e o Partido Comunista Brasileiro – na vinda para a China dos primeiros professores de Português, *cf.* Li (2018).

Depois disso, muita coisa aconteceu: a Revolução Cultural, as transformações que lhe sucederam, o fim da guerra colonial portuguesa, a independência das ex-colónias, o colapso da ditadura em Portugal e a abertura do país ao mundo, a globalização, os novos modelos económicos, para citar, apenas, alguns episódios da história recente, quase ao acaso.

O crescimento do estudo do Português na China, ou melhor, nas universidades chinesas, insere-se nesse devir histórico e só nele pode encontrar a sua contextualização, a sua razão de ser, a sua explicação.

Após o encerramento dos dois cursos existentes, durante a Revolução Cultural, começaram, logo depois de superado esse circunstancialismo histórico, a surgir novos cursos, mas muito lentamente: Beijing, Shanghai, Tianjin. Na viragem do século e do milénio, mais não eram que quatro. No final da primeira década deste século, seriam uma dúzia, quando muito.

Essa história está, também, feita, com rigor e precisão. O mesmo Li Changsen, testemunha e actor desse processo, sobre ela escreveu mais de uma vez, como também Lei Heong Iok, até 2018 Presidente do Instituto Politécnico de Macau e que, nessa qualidade, teve enorme importância em todo esse trajecto, e, ainda, Liu Gang, talvez o que mais informações recolheu e que delas deu conta na sua tese de doutoramento, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa². É um documento datado, claro, com todas as vicissitudes de ser escrito em momento de profunda e veloz transição e, portanto, com os inerentes e inevitáveis riscos de produzir informação rapidamente desactualizada pelos factos.

Foi um processo de *boom*, como diz a gíria da economia, de explosão, uma “erupção vulcânica”, como referiu Li Changsen em feliz e expressiva metáfora (cf. Li 2015: 55 e 66).

Hoje, a realidade é bem outra.

Olhemo-la, tal como ela se nos apresenta.

As instituições de ensino superior da China onde se ensina Português são trinta e nove, se é que conseguimos rastrear todas.

Dessas, vinte e oito conferem graduação em Português, sob diversas designações: Língua e Cultura Portuguesas, Língua e Literatura Portuguesas, Estudos Portugueses, entre outras.

As onze restantes oferecem o Português como *minor*, em conjunto com outras formações, ou como disciplina opcional.

De momento, há mais quatro universidades com o processo já iniciado para alcançar a necessária autoriza-

ção por parte das autoridades governamentais chinesas, com vista à criação de um curso de português.

Para dez anos, é, convenhamos, um salto muito assinalável.

Olhemos de relance um quadro com estes números:

Cursos com graduação em Português	28
Universidades com Português	39
Universidades a iniciar Português	4

Atentemos um pouco na geografia e depressa nos apercebemos de que estas universidades se organizam no território da seguinte forma:

O número mais elevado situa-se na região de Beijing, onde existem nove universidades com Português, seja em curso de graduação, seja em *minor* ou como curso ou disciplina opcional.

Somam-se, depois, algumas fora do perímetro da capital, mas, ainda assim, a uma distância não muito considerável, atenta a dimensão do país: Tianjin, Hebei.

Predominam, entretanto, as universidades situadas nas províncias do litoral, de Norte a Sul, numa linha que vem de Harbin, em Heilongjiang, até Hainan e passa por Changchun, na província de Jilin, Dalian, em Liaoning, Nanjing, da província de Jiangsu, Shanghai, Hangzhou e Shaoxing, ambas em Zhejiang, Fujian, Guangdong.

O Norte cedo viu florescer o interesse pela língua, em Xi'An (Shaanxi); bem mais tarde, o mesmo viria a acontecer na capital de Gansu, Lanzhou.

Caminhando para o interior, encontramos Nanchang e Gangzhou, ambas na província de Jiangxi, Changsha, em Hunan, e a importante cidade de Wuhan, na província de Hubei; e, mais para o outro lado, Chengdu, capital de Sichuan, e o município autónomo de Chongqing.

Outras províncias se irão juntar neste processo de crescimento do Português, a julgar pelas intenções manifestadas pelas autoridades académicas. Em cada ano, duas ou três novas instituições dão início ao lento processo de recrutamento de docentes, de abertura de disciplinas opcionais, de tentativa de obtenção das superiores permissões para abertura dos cursos.

Estamos, portanto, perante uma mancha variada, mas consistente e com tendência inequívoca para o crescimento, agora mais no sentido do interior, onde há, ainda, muitas províncias que não possuem ensino do Português.

Vejamos um mapa que nos mostra um pouco esta realidade em todo o território:

2 Cf. Lei (2016), Li (2012, 2015, 2017) e Liu (2017).

nheceu, igualmente, um aumento significativo. De poucas centenas há dez anos atrás, passaram, agora, para cerca de três mil e quinhentos, número que aumentará enormemente nos próximos anos, se considerarmos que algumas universidades apenas iniciaram os seus cursos há um ou dois anos, pelo que será necessário esperar mais dois, pelo menos, até atingirem o volume de alunos normal.

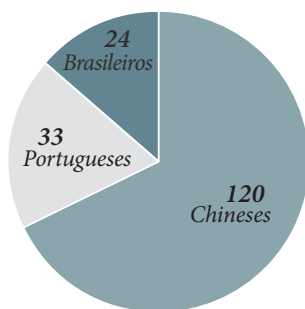
Atente-se na Figura 2 com todos estes dados, para se obter uma ideia de conjunto mais visível:

Figura 2 – Número de docentes de Português na China

Número de professores	178
Professores chineses	120
Professores portugueses ou brasileiros	57
Professores com Doutoramento	12
Professores com Mestrado	117
Professores só com Licenciatura	49
Professores inscritos em Doutoramento	42
Número de estudantes	3416

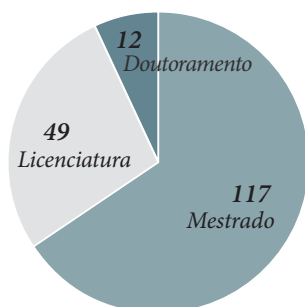
Atentemos, agora, em dois gráficos (Figuras 3 e 4) que ilustram bem o que acaba de dizer-se. Primeiro, um gráfico relativo ao número de docentes e a sua proveniência:

Figura 3 – Distribuição dos docentes de Português na China por nacionalidade



E também um outro respeitante às qualificações dos docentes:

Figura 4 – Níveis de habilitações dos docentes de Português na China



Todos estes dados, convém referi-lo, não incluem os registos referentes a Macau, uma vez que esses números os alterariam substancialmente. Em Macau, estudam português no ensino superior bem mais de mil alunos, e ensinam-no mais de cem professores.

Um quadro rigoroso, de resto, teria de contar com os números de outros países da Ásia: Tailândia, Vietname, Coreia, Japão.

Mas um olhar sobre o interior da China é já de si bastante significativo e é, convenhamos, o que importa aqui considerar.

Voltemos a um dos números enunciados na figura 4, o dos professores com doutoramento e o dos que fizeram a sua opção pela carreira académica e que se encontram inscritos em cursos de doutoramento. Uns e outros somados ultrapassam já o número de cinquenta. Isso demonstra, sem dúvida, que estamos perante o início de uma nova fase e perante uma clara mudança de paradigma, que deve obrigar a uma reflexão séria e aprofundada da parte de responsáveis, sejam instituições portuguesas ou instituições chinesas, e da parte de quantos pretendem desenvolver projectos relacionados com esta área.

Clarifiquemos: em inquérito efectuado há cinco anos, os docentes de português no interior da China queixavam-se de insuficiência de preparação e afirmavam-se necessitados de formação. Essa realidade, como é óbvio, não se altera de um dia para o outro; e, portanto, tais carências ainda existem, posto que em menor grau.

Essa é uma realidade, no entanto, que tende a mudar nos próximos anos, à medida que o corpo docente for adquirindo maiores qualificações. Não nos iludamos: alcançar o grau de doutor não significa, em si mesmo, a passagem do grau menor de preparação para o grau máximo da perfeição. Mas significa uma escolha, uma opção e faz antever o caminho que dessa escolha e dessa opção decorre. A seguir aos doutoramentos virão os pós-doutoramentos, os subseqüentes trabalhos de investigação, a participação em equipas de trabalho e em projectos de investigação de âmbito internacional, a entrada num mundo novo, diferente, mais exigente, de maior responsabilidade e, por consequência, com resultados mais visíveis no que respeita à produção científica.

Diz-nos a história das últimas décadas que muitos dos melhores professores das várias áreas ligadas ao Português eram estrangeiros, isto é, nem portugueses nem brasileiros, ou seja, não falantes de português como língua materna, e ombreavam com os melhores de entre os Portugueses: lembro, em jeito de exemplo e sem quaisquer preocupações de exaustividade, Paul Teyssier, Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, Arthur Lee-

-Francis Askins, Dieter Woll, Dietrich Brisemeister, Roger Bismut, Angel Marcos de Diós, Tom Earle, Stephen Reckert, para não referir Charles Boxer, por exemplo, na área da História.

Estes docentes chineses, de agora, aqueles a que se reportam os números acabados de revelar e que dão os primeiros passos no plano mais elevado das suas carreiras académicas, terão de trilhar esse caminho. Ano após ano, aumentarão o seu nível de especialização e de conhecimentos e podem (devem, digamos, sem tibiezas) aproximar-se de patamares de excelência. Foi assim que iniciaram os seus percursos os grandes lusitanistas do mundo académico internacional; estes, que iniciam, agora, os seus percursos, não são diferentes desses outros.

Quando o Instituto Politécnico de Macau criou o Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, em 2012, e lançou, em 2013, a sua actividade, deu mostras de uma visão estratégica que, indirectamente, já previa uma evolução deste tipo. O CPCLP, assim chamado, tinha por missão apoiar o ensino do Português em Macau e no interior da China, o que veio sendo feito, nos últimos cinco anos, através de acções de formação e através da produção de materiais didácticos e pedagógicos, de que os professores das universidades chinesas assumidamente se confessavam carenciados. Essa é a parte que faz jus ao adjectivo “Pedagógico”, no nome do Centro. Claro que a formação de docentes, pela sua própria natureza, bem como a produção de materiais, envolvem incontornavelmente uma dimensão científica. Mas o adjectivo “Científico”, no nome do CPCLP, tinha de significar muito mais. Em boa verdade, a opção pela carreira universitária tem tanto de desejo de realização pedagógica, quanto de ambição de crescimento no plano científico. Ser docente universitário, todos os sabemos, é ser, ao mesmo tempo, um professor e um investigador; e ambas estas funções têm de corresponder, por exigência que lhes é intrínseca e que deriva da própria natureza do meio universitário, a elevados padrões de excelência.

À medida que se multiplicavam os contactos com os colegas do interior da China, ao longo de mais de cinco anos, fomos sentindo, no âmbito do CPCLP, que os colegas que ali trabalhavam ansiavam por algo mais e, sobretudo, algo diferente daquilo que eram as nossas expectativas iniciais. Expliquemo-nos: a missão começou por ser, traduzindo em termos simplistas, facultar formação específica no âmbito do ensino do Português como Língua Estrangeira, em vários domínios, e produzir e facultar materiais de apoio ao ensino, especialmente concebidos para o trabalho pedagógico no interior da China e que tivessem em conta as especificidades desse contexto.

Mas a nova realidade, de que os números acima expostos dão conta em pormenor, apontava para uma outra necessidade. Já não estávamos a lidar com jovens diplomados em Português e que, por um acaso da vida, ensinavam essa língua, mas, antes, com pessoas que tinham feito da carreira académica uma opção profissional, com tudo o que isso representa. Ora, à semelhança do que sucede em qualquer outro país, a carreira académica, na República Popular da China, comporta um conjunto de exigências, quais sejam os graus académicos, desde logo o doutoramento, e a realização de um percurso compatível com as exigências de uma carreira de prestígio, traduzido num *curriculum* de qualidade reconhecida e em conformidade com os parâmetros internacionais.

Ora, a construção de um *curriculum* cuja qualidade seja aceite e reconhecida nas instâncias académicas implica o serviço docente, a formação inicial e a formação posterior, a participação em iniciativas científicas de âmbito internacional, mas, muito em particular, a concretização de publicações, seja em forma de livros saídos em editoras de prestígio, seja na modalidade de artigos publicados em revistas científicas de nome firmado e, de preferência, indexadas.

E aí começavam as angústias dos novos docentes: publicar onde? Que portas se lhes abriam para satisfazer essa exigência? Na República Popular da China não existia nenhuma revista científica na área do Português; e o acesso às que existiam em outros países, especialmente em Portugal e nos diversos países de língua portuguesa, não era propriamente fácil. Era, pois, necessário criar um espaço mais acessível para os docentes de Português na China e aberto a todos quantos quisessem nele publicar. Esse foi um anseio repetidamente expresso por muitos dos que ao ensino do Português se dedicam na República Popular da China, conscientes das exigências que lhes eram impostas pela carreira que haviam escolhido.

Foi por isso que o Instituto Politécnico de Macau decidiu, em 2017, criar uma revista científica na área do Português, cujo primeiro número deveria sair até final de 2018 e a que deu o nome de *Orientes do Português*. Pretende-se, com este nome, afirmar a identidade da revista, que tem o Português como objecto científico, seja no domínio da língua, seja no das culturas ou das literaturas ou da história, desde que tenham o Português como denominador comum, mas que deixa clara, também, nessa identidade, a palavra Oriente, com a ambiguidade que a caracteriza, pretendendo com essa ambiguidade significar várias coisas: o lugar onde nasce e é publicada, o seu ponto focal mais importante, o território ao qual se ligam mais fortemente aqueles para quem a revista é pensada, sem exclusão de quaisquer outros.

Foi longo o percurso até chegar aqui. Foi necessário, desde logo, constituir uma equipa redactorial com qualidade inquestionável, processo que requereu tempo e exigiu a contratação de docentes e investigadores com *curriculum* de qualidade, que são, hoje, o corpo de investigadores e docentes do CPCLP.

Foi preciso, além disso, congregiar um conjunto de personalidades de créditos firmados entre os seus pares, nos meios académicos internacionais, para constituir o órgão de aconselhamento e validação da revista, processo esse que demanda, igualmente, tempo para fazer os convites e esperar que sejam aceites. Isso foi feito paulatinamente e o IPM orgulha-se de poder contar, no Conselho Científico da revista, com um conjunto de personalidades de inegável prestígio nos meios universitários da lusofonia, oriundos de muitas universidades e vários países:

João Malaca Casteleiro, Isabel Pires de Lima, Graça Rio-Torto e Isabel Margarida Duarte, de Portugal.

Amós Coelho da Silva, do Brasil.

Armando Jorge Lopes, de Moçambique.

Lei Heong Iok, Li Changsen, Xu Yixing e Ye Zhiliang da República Popular da China.

Helder Macedo, de Inglaterra.

Roberto Vecchi, de Itália.

Depois, necessário se tornou ter esperança de que os potenciais interessados em publicar respondessem positivamente e em número significativo ao vulgarmente designado *call for papers*; esperança que não saiu defraudada, como se verá pelo primeiro número, que agora se anuncia.

Finalmente, um passo importante para afirmação da credibilidade da revista era conseguir obter a colaboração de investigadores credenciados e idóneos, com mérito reconhecido nas diversas áreas, dispostos a fazer a avaliação por pares. Também neste domínio foi francamente positiva a adesão dos colegas contactados, em Portugal, no Brasil, em países africanos de língua portuguesa e, mesmo, entre especialistas de outras origens e nacionalidades.

Temos consciência, no Instituto Politécnico de Macau e, em especial, no Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, de que este é, apenas, o primeiro passo; significativo e importante, mas somente o primeiro passo. Nenhuma revista científica logra afirmar-se, unicamente, com um número, por maior que seja o empenhamento dos que a promovem, por mais qualificados que sejam os elementos do seu corpo redactorial, por prestigiados que sejam os membros do seu Conselho Editorial. Para que uma publicação de natureza académica se afirme e alcance lugar no mundo da especialidade, é indispensável que patenteie desde o início elevados parâmetros de exigência e que a qualidade de que se arroga se evidencie, não apenas no primeiro número, mas também nos que desde

então se lhe seguirem.

Esse é o percurso que se pretende para esta revista *Orientes do Português*.

2. O presente número de Orientes do Português

Este número inaugural de *Orientes do Português* apresenta dez trabalhos, todos eles validados por pares de árbitros de reconhecida competência e, como é de regra neste tipo de publicações, desconhecedores da identidade dos autores dos trabalhos que estavam a avaliar.

Cinco dos trabalhos, ou seja, metade versam questões de ordem didáctica, o que revela, indubitavelmente, o interesse que as questões do ensino da língua portuguesa suscitam nesta parte do mundo, em especial entre aqueles que a esse mesmo ensino se dedicam.

Entre esse conjunto, figuram: propostas didácticas, neste caso a partir da noção bakhtiniana de discurso (Fang Fang Zhang); a utilização de recursos audiovisuais em contexto específico, o da Coreia do Sul (Leila Ponciano e José Vanzelli); a especificidade das formas de tratamento e os problemas que suscitam entre aprendentes chineses (Ye Lin e Maria Helena Ançã); o desenvolvimento da compreensão oral, outro dos problemas com que se deparam os docentes de Português a Oriente (João Pereira); e, finalmente, temas da área específica da fonética, mais precisamente no âmbito da produção de vogais orais tónicas, campo de não raras dificuldades por parte de quem ensina Português a aprendentes de língua materna chinesa (Adelina Castelo e Maria João Freitas).

Todos estes são trabalhos muito específicos e situados num domínio que tem vindo a originar interessantes debates e curiosas reflexões, nos quais têm participado com entusiasmo docentes de Português, uns de origem chinesa, outros de origem portuguesa, ou seja, com dois ângulos de análise bem distintos e, portanto, com resultados diversos.

Somam-se, depois: um artigo no âmbito dos problemas de tradução, mais concretamente a tradução do eufemismo, um dos muitos contributos para uma área que será, porventura, das mais demandadas pelos professores de Português na China, onde as questões ligadas à Tradução são nucleares (Jingjian Zhao); um artigo centrado nas questões do texto, partindo de um conceito, o de referenciação, e da sua utilidade nas actividades de leitura e composição textual (Damares Souza Silva); um outro trabalho claramente na área da literatura, um domínio que começa a suscitar crescente interesse entre os professores chineses; neste caso, o trabalho centra-se em autor de origem goesa, Filinto Cristo Dias (Daniela Spina); um trabalho que cruza a literatura oral com o ensino do Português, ao

sublinhar a importância da actividade dos contadores de histórias para o ensino da literatura oral (Camila Dilli e Bruna Morello); e, por fim, um artigo de síntese e que, em última análise, se aproxima do presente texto introdutório da revista, uma vez que situa o seu olhar no tempo do começo do ensino do Português na República Popular da China, no terceiro quartel do século passado, e contextualiza esse processo nos acontecimentos que marcam a segunda metade do século XX (Lili Han e Vânia Rego).

São, pois, dez trabalhos diversificados, como se deseja numa revista que se pretende multidisciplinar, e trazidos ao debate coletivo por investigadores de origens diversas; seis dos autores são portugueses, cinco são brasileiros, quatro são chineses. Mais interessante, porém, é a origem destes estudos, considerado o local de trabalho dos seus autores: cinco exercem funções na República Popular da China, sendo igual, entre esses, o número dos que trabalham em Macau (quatro), e no interior da China (outros quatro); três estão ligados a instituições portuguesas, dois a instituições brasileiras, um trabalha na Coreia do Sul e um último na Dinamarca.

Pode dizer-se, pois, que este número inaugural da revista *Orientes do Português* marca, de alguma forma, o rumo que para ela foi definido, ou seja, o de ser uma revista plural em todos os sentidos: plural nos temas e modos de abordagem, plural nas ideias, plural na origem dos seus autores, plural no que respeita aos destinatários, plural nos interesses de quem nela escreve e de quem a lê.

3. Palavras finais

E regressamos, incontornavelmente, ao ponto de situação sobre o ensino do Português na China. Seja permitido insistir, de novo, no que atrás foi dito: do grau mínimo em que se estava, há menos de uma dúzia de anos, até ao ponto surpreendente em que nos situamos agora, foi rápida a viagem, mas enorme o percurso vencido. Docentes e investigadores que ao Português se dedicam na República Popular da China, entre os quais, repita-se, contavam-se zero doutores pouco tempo atrás, é possível identificar já mais de meia dúzia e é expectável contar, dentro de menos de dez anos, com um número de doutorados muito superior a cinquenta.

Esta mudança, em termos estatísticos, como tive oportunidade de sublinhar mais de uma vez e em vários locais, traz consigo necessariamente uma mudança de paradigma. Dentro de não muitos anos, a República Popular da China contará com especialistas qualificados na área do Português como conta, hoje, com especialistas em tantas outras áreas do conhecimento. Serão precisos muitos anos para que tais especialistas alcancem o patamar dos

grandes nomes da história do lusitanismo; mas esse é um resultado que virá a ser alcançado, se as autoridades chinesas não abrandarem na sua estratégia de aproximação aos países de língua portuguesa e se a economia e seus agentes se mantiverem, como tudo parece fazer antever, em consonância com essa estratégia.

Este é um momento de viragem e será um momento histórico na afirmação do Português na China e na Ásia. O Instituto Politécnico de Macau ficará para sempre ligado a esse momento e a tudo quanto ele representa, fruto da lúcida e sábia opção dos seus responsáveis.

Referências

- LEI, Heong Iok (2016) «O Instituto Politécnico de Macau e o ensino da língua portuguesa na RPC». Em *A língua portuguesa no mundo: passado, presente e futuro*, coord. por Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório, pp. 273-285. Lisboa: Edições Colibri / Universidade da Beira Interior.
- LI, Changsen (2018) «Inspiração histórica: o ensino da língua portuguesa e a China Moderna». Em *Actas do 4º Fórum internacional da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André, Rui Pereira e Liliana Inverno, pp. 3-22. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- _____ (2015) «Nova expansão da língua portuguesa na China». Em *Actas do 2º fórum internacional do ensino da língua portuguesa na China*, coord. por Carlos A. André e Changsen Li, pp. 51-74. Macau: Instituto Politécnico de Macau.
- _____ (2012) «Ensino da língua portuguesa na República Popular da China durante a década de 60 do século XX». Em *Actas do 1º Fórum Internacional do Ensino da Língua Portuguesa na China*, coord. Wai Hao Choi e Hongling Zhao, pp. 35-42. Macau: Instituto Politécnico de Macau
- LIU, Gang (2017) *Estratégias utilizadas por aprendentes de português língua estrangeira*. Universidade de Lisboa, Tese de Doutoramento.